

ENTRE OS ÍNDIOS "XERENTE"

CEDI - P. I. B.  
DATA 31, 12, 86  
COD XRD09

Há 10 anos existe a nossa Missão de Tocantínia. Mas, há somente um ano de meu contato mais frequente, da minha convivência na vida tribal do grupo Xerente na Aldeinha.

Estes índios vieram da Aldeia Rio Sono, que fica localizada mais no interior de nosso Município. Conservam ainda muitos elementos da antiga cultura, mantendo uma vida grupal mais intensa que os índios chamados "da estrada", como é o caso das aldeias de Funil e da Serrinha, índios estes, em contato constante com a civilização envolvente.

O pessoal da Aldeinha me convidou por várias vezes, pedindo apoio para uma escolinha, existente nesta localidade. O monitor (Professor) "Sukê" é um rapaz da própria tribo.

Vivendo um pouco afastados uns dos outros, o que dificultava a vida comunitária do grupo, tomaram a solução de se unir numa aldeia. No dia 20 de junho de 1980, o cacique chamou a todos para a inauguração da "Aldeia Nova". Convidou o sacerdote para a celebração da S. Missa. Nesta Eucaristia, o grupo Xerente participou vivamente com ritos, canções e danças da sua própria cultura. Foi um dia feliz para todos nós.

Um grande acontecimento para toda a tribo foi a participação de 2 Xerente, juntamente com 2 Krahô, como representantes da nossa Prelazia na 14ª Assembléia de Chefes Indígenas no fim de junho de 80 em Brasília. Tiveram um lugar de destaques na recepção e na 1ª Missa celebrada pelo Papa João Paulo II no Brasil.

Nos meses seguintes, cada família levantou a sua cabana. Foi construída também uma casa de palha para o funcionamento da escola. A esta iniciativa deles no campo da Educação deu toda a ajuda possível. A tarefa da alfabetização torna-se bastante difícil pois, o ensino deve ser "bilingue", isto é, em Xerente e Português.

Os índios Xerente vivem na grande Esperança de alcançar dias melhores. Com muito esforço cultivam a terra, plantando arroz, mandioca, milho e melancia. Promovemos entre eles a roça comunitária. É uma injustiça, chamar os índios de preguiçosos. Na verdade, eles tem um ritmo próprio para o trabalho. Tem os dias certos para a caça e para a pesca. Isto faz parte da sua cultura, da sua tradição. Nas horas livres desenvolvem a atividade do artesanato para a venda, ou em troca de alguma mercadoria.

Mais do que nunca, o índio Xerente implora a nossa presença. Eles não querem viver abandonados. Fizera-me uma pequena casa de palha, a fim de favorecer a minha permanência no meio deles.

Silvia Wakecki

## Um N A T A L Diferente....

Sob um forte temporal, o jeep percorre devagar os quase 50 km, para alcançar a Aldeia Xerente. Os índios estão a minha espera. É o dia 24 de dezembro, "Noite de Natal."

Entrando nas cabanas, cumprimentando a todos, vejo no rosto de cada um estampada a fome. Os 10 pratos (mais ou menos 20 kg) de arroz, que consegui, são repartidos entre as famílias. Jantando com eles, conversamos um pouco sobre a grande festa de Natal, que a Humanidade está celebrando. De repente, um dos mais velhos, apoiado num bastão, dirige-se para o centro da aldeia, pronunciando um discurso. Depois, todos procuram a sua esteira para o repouso.

Na manhã seguinte, ao raiar do Sol, uma melodia linda nos acorda: é o canto do conselheiro, que caminha em direção ao "Sol Nascente". Segue uma palestra de exortação. -As poucas palavras do cacique, a Comunidade toda se reúne no centro da Aldeia. Inicia-se uma cerimônia maravilhosa: de corpo pintado e enfeitado, o grupo indígena realiza uma "Liturgia" bem festiva, com cânticos e danças, com gestos expressivos, tudo em direção ao Sol.

Mas, já chegou a hora de partir. Após curta despedida, sigo em viagem para a Aldeia Serrinha, onde vive outra Comunidade de mais ou menos 100 índios Xerente. A um pedido insistente do grupo, o sacerdote vem para a celebração da S. Missa. Com palavras simples, ele explica o sentido deste "Encontro Eucarístico." Todos participam, dirigindo a Deus a sua prece, expressa nas canções em sua própria língua. A Mensagem do Evangelho é transmitida em Xerente por um índio, que aprendeu a História Sagrada do seu pai, e qual, por sua vez, foi catequizado pelo 1º Missionário e Fundador de Tocantins.

O convívio fraterno teve continuidade com a viva participação de todo o grupo Xerente. De coração agradecido, os mais velhos pronunciaram palavras de gratidão, pedindo que no futuro não fossem esquecidos por nós. Oferecemos um pequeno lanche, para que todos, crianças, jovens e adultos pudessem sentir um pouco a alegria do Natal.

Convivendo com os Xerente, sinto que o "Enviastes o Verbo como Salvador do Mundo" toma uma nova dimensão na minha vida; um sentido mais profundo, de um compromisso maior para com aqueles, que esperam ansiosamente a sua Libertação.

Sílvia Wakedi

A Tinguijada, a grande PESCA dos Xerente

Na Aldeinha, (Aldeia Nova) o cacique chama a Comunidade para uma reunião, a fim de combinar algo a respeito da próxima pesca. Homens e rapazes índios aproximam-se do centro da aldeia, colocando-se num semi-círculo, com as flechas nas mãos.

Os mais velhos falam ao grupo, dando "conselho", convocando a todos para a grande pesca anual, a Tinguijada.

Na manhã seguinte realizam-se os últimos preparativos. Chega o pessoal (alguns parentes) da aldeia vizinha, querendo fazer parte da pesca. A caminhada é de 10 km. Todos alegres, alcançamos sem obstáculos a beira do Rio Preto, carregando no cofo (cesto grande nas costas, apoiado na cabeça) o necessário para os três dias de acampamento, como também as crianças pequenas.

Dentro de poucos instantes, cada família levanta a sua cabaninha, feita de tapetes verdes, (folha de palmeira Anajá) que a natureza nos oferece, protegendo-nos assim contra o frio da noite e uma eventual chuva.

Somos mais ou menos 100 pessoas. (20 famílias) Enquanto as mulheres acendem o fogo para cozinhar o arroz, alguns homens estão logo em busca de peixes, para completar a refeição. Outros dirigem-se para dentro da mata, ajuntando feixes de tingui, o qual servirá no dia seguinte para tingir as águas do rio, tornando-as escuras e entorpecendo ou matando os peixes com seu veneno, sem que isto prejudicasse a alimentação tão esperada, aos peixes.

A noite passa em plena harmonia para todos. Cantamos e conversamos. Tivemos um sono tranquilo, acordando somente com o coaxar do sapo, o cantar da galinha d'água e, pela madrugada com o grito da onça, ainda distante.

Bem cedo, à palavra do cacique, todos se levantam. Depois do "quebra-jejum" ao redor do fogo, os homens saem, para colocar o tingui no rio, desmachando-o na água, numa distância de 6 km rio acima. Horas depois, os peixes surgem na superfície d'água em abundância, sendo flechados pelos índios, retirados e preparados pelas mulheres. Uma parte é assada, outra salgada, a fim de conseguir uma boa conservação e reserva para as próximas semanas. Conseguimos peixes grandes: surubi, baiacu, pacu e piabanha.

Mais uma noite, mais um dia, até que todo este trabalho se realize. Voltamos para nossa aldeia, fortificados e felizes.